

## ARTIGO



Aristóteles Drummond\*

Existe um aspecto negativo e grave nestes anos de polarização que o Brasil vive desde a eleição de Bolsonaro em 2018, que é a perda da cordialidade como uma marca da formação do povo brasileiro. O debate ideológico ou político deixou de ser um exercício democrático e de cidadania, para se tornar troca de insultos, manifestações de ódio e intolerância.

Toda uma tradição com bases sólidas na história do Brasil, referendada por estudiosos como Buarque de Holanda, que falava do "homem cordial", a Gilberto Freyre, que dava como prova da cordialidade na formação das elites uma relação com o trabalho servil sem as fissuras ocorridas nos Estados Unidos, por exemplo.

Mas não é apenas a

## Não somos mais um povo cordial?

questão política do momento que marca a perda da cordialidade, mas desde o final dos anos 80 a questão da violência urbana e da criminalidade disseminadas no país quebra a herança da prática de delitos menos violentos. Eram batedores de carteira, descuidistas, jogo ilegal, que agiam sem violência e sem armas. Nada de organizações criminosas que cresceram na violência, armadas e explorando moradores de comunidades –favelas– indefesos. Foi consequência talvez da perda do respeito à autoridade constituída que perdurou pelos anos do chamado período militar, quando as polícias exibiam bom padrão de disciplina e honestidade no exercício de suas funções.

No campo político, passamos a viver politização

e polarização inéditas na história pátria, com ênfase à ideologia e ao comportamento pessoal das lideranças como Bolsonaro e Lula, ambos no mesmo patamar de postura, de palavreado, de círculo mais íntimo.

Ambos cultuam como tática político-eleitoral o confronto com tudo e com todos. Bolsonaro soube entregar a máquina pública a pessoas do padrão de Paulo Guedes, Tereza Cristina, Tarcísio de Freitas e mais alguns competentes aos quais deu autonomia e, por tal, o saldo de seu governo foi positivo em termos de economia, gestão e austerdade, com baixa corrupção. Já Lula, no seu loteamento político-partidário, não consegue administrar e compromete a economia por inibir o investimento privado e não ter um pro-

grama de realizações. O que anda é em função das parcerias concedidas ao setor privado, como estradas e aeroportos.

Lula gosta de falar mal

"dos ricos" que, afinal, fazem circular a riqueza e geram empregos com investimentos, de agradir dirigentes de outros países e de dar palpites em questões distantes da vida nacional. E fica neste discurso de explorar ressentimentos.

Não se pode prever o resultado de 2026, mas sim que, se a disputa for entre estes dois polos, o país será ingovernável e com sérias consequências econômicas, sociais e políticas.

Por isso, cresce na sociedade o nem um nem outro, na busca do bom senso e do equilíbrio, restabelecendo a cordialidade perdida.

Que assim seja!

\*é Jornalista e Grande Benemérito da Assoc. Comercial do RJ – aristotellesdrummond@msn.com.br

## ARTIGO



Augusto Rocha\*

São muitas as distrações que a vida apresenta. Se nos perdermos com elas, como crianças, poderemos ser vitimados. Outro dia estávamos com a distração do porto de Chankay, no Peru. Passamos meses falando dele, para descobrir o já sabido: ele não é uma alternativa válida para as cargas de grande volume. Quanta distração, quanto esforço gasto. Agora temos outra distração: com investimento de mais de R\$ 5 bilhões, uma estrada com 500 quilômetros de extensão, ligará Georgetown até a fronteira com Roraima.

A interpretação do mundo, dos modos de ser das pessoas é importante, para que não fiquemos gastando a vida com o que

## Guiana: a nova distração para a logística do Amazonas

não interessa. Fico com a impressão de que a nossa "consciência intencional" (Husserl) sempre tira a atenção do nosso papel, das instituições da Amazônia ou do Brasil frente ao que necessitamos. Como se uma oportunidade trazida por "alguém" de fora do país fosse nos salvar. Chankay não resolveu nem resolverá o nosso problema. A Guiana não resolverá o nosso problema. Eles estão atrás de resolver o problema deles, pois a economia Guiana está crescendo muito.

O que nos interessa é construir infraestrutura sustentável na Amazônia.

Esta estrada, somada com o porto ou um novo porto que também será construído com investimento de US\$ 4 bilhões não transformarão para melhor a logística de Manaus ou do Brasil. Aliás, pode até melhorar em algo marginal, daqui a 20 anos quando tudo estiver pronto, mas não é este o objetivo do projeto. A outra distração, por ora, é que está chovendo bastante e a seca não será tão severa em 2025. Assim, podemos ficar distraídos e achar que os problemas de transporte foram resolvidos, mas não foram resolvidos. Seguimos precisando estudar o rio Amazonas e o sistema hidrológico para uma maior compreensão da região.

O mundo empresarial normalmente não cai nestas armadilhas de distrações. Entretanto, a concepção da pauta pública cai

com facilidade. A quem interessa esta distração? Aos demais Estados do país, para seguir a não corrigir a desigualdade regional com os recursos públicos que deveriam ser alocados para isso. Estes recursos seguirão a ser investidos nas áreas mais ricas do Brasil, assegurando o aumento das desigualdades regionais. Também interessa para outros países, para que sigamos na condição de dependência. Interessa para os grupos econômicos que levam vantagem com esta condição atual. A solução para as distrações? Insistir na pauta de prioridades e encontrar caminhos institucionais para construí-las. Fora disso, não percebo saída.

\*é professor da Ufam

## ARTIGO



Flávio Guimarães\*

O processo evolutivo positivo é sempre marcado por momentos de grande necessidade de planejamento. Os gestores devem sempre estar preparados para administrar e liderar situações de mudanças. A gestão das pessoas bem elaborada, e com as preocupações devidas, está fazendo a diferença e cria o sucesso para qualquer organização. Neste contexto sempre estará presente a ambição e a inveja. Sendo a ambição um desejo imponente, fervoroso de alcançar poder, glória e riqueza deve ser muito bem acompanhado e gerido evitando assim situações incontroláveis e prejudiciais a um desenvolvimento saudável para todos. Já a inveja sempre terá como resultado os conflitos, pois, se trata de sentimento de desgosto pelo bem ou felicidade do outro e possui um forte apelo negativo por tratar-se de situação que não trará benefício para nenhum dos envolvidos e cria para as organizações momentos de desperdício de tempo.

## A ambição, a inveja e os resultados em nossas vidas

Querer e buscar sucesso é uma característica humana saudável. Precisamos estar sempre atentos para não exagerarmos e prejudicarmos o bom andamento dos processos. Para isso necessitamos sempre buscar novos desafios a fim de crescermos enquanto pessoa e profissional. A ambição faz parte de nosso cotidiano, pois se não a tivermos estaremos fadados ao fracasso e não observaremos a parte positiva do ser humano que busca sempre suprir suas necessidades e buscar um equilíbrio na vida. Assim, poderemos evitar reações de estresse desnecessárias e substituiremos o pensamento negativo pela possibilidade do sucesso. Nós precisamos criar condições de progresso diariamente evitando desvios de conduta e criando objetivos desafiadores para todos nós. Todavia, não podemos esquecer de administrar de modo inteligente as pessoas buscando sempre utilizar a empatia e jamais criar situações de antipatia.

A inveja sempre terá uma característica negativa devido ser um sentimento mesquinho de, quase sempre, torcer contra e querer assumir o lugar do outro. Muito de prejuízo acontece nas organizações quando a inveja mal gerida faz parte do cotidiano. Se conseguirmos administrar os momentos invejosos, teremos bons resultados, pois a grande realidade é que todos nós temos nossos momentos e aqueles que sabem o que querem conseguem eliminar os excessos e caminhar sem buscar a parte extremamente negativa da inveja. Se analisarmos focado na prática verificaremos que este sentimento pode fazer com que pessoas o utilizem e cheguem a um grande sucesso, mas na grande maioria das vezes, a falta de sensibilidade faz com que as pessoas caminem para o fracasso em sua vida e sua carreira.

Certamente, conflitos continuarão a ocorrer dentro e fora das organizações, mas cabe a pessoa e aos profissionais buscarem a melhor solução e até mesmo evitá-los. Qualquer processo pode ser melhorado mesmo já estando em um bom grau de crescimento positivo. O pensamento positivo ajuda muito, mas mais ainda, a ação positiva e direcionada na busca de objetivos palpáveis e reais. Desafios sempre existirão e devem ser atacados de frente para podermos durante a caminhada criarmos seguidores e não invejosos. Não podemos jamais usar o lado negativo para um bom exemplo. Devemos não o incluir em nosso vocabulário organizacional e pessoal, pois se assim fizermos teremos como resultados seguidores medíocres e despreparados para o futuro. Não podemos esquecer também que uma ambição descontrolada criará uma inveja descontrolada e isto ocorrendo todos sairão prejudicados e certamente o objetivo tanto pessoal quanto organizacional estarão comprometidos seriamente.

Vamos refletir sobre isto?

\*é mestre pela UFPA, diretor de educação da ABRH e coordenador dos cursos tecnológicos e da pós-graduação da Faculdade Estácio do Amazonas

## ARTIGO



Thomaz Meirelles\*

## Ao Sr. Denis Minev

Não o conheço pessoalmente, mas ainda quero conhecer. Tenho ótimas referências, inclusive de pessoas da minha família. Sei da sua inteligência, da sua visão privilegiada e que estará na COP-30. Li suas últimas entrevistas e, com base nos meus 35 anos como servidor público federal na Conab, sempre visitando a área rural, decidi fazer algumas considerações. Primeiro, queria ouvir sua opinião sobre a ausência do ZEE (Zoneamento Ecológico-Econômico) no Amazonas. Esse instrumento foi previsto desde 1981, na Política Nacional de Meio Ambiente (Lei 6.938/81), mas aqui nunca avançou. É um tema que não aparece nem no discurso da ministra Marina, nem das ONGs (FAS, Idesam e "observatórios"). Li também, na coluna Follow Up, a defesa do plantio de árvores em larga escala – ideia correta, mas que ainda não dialoga com o nível da nossa agricultura familiar. No Amazonas, 97% da produção é de agricultura familiar, um público que ocupa o penúltimo lugar nacional no acesso ao financiamento do Pronaf desde 1999. São agricultores sem crédito, sem assistência técnica, sem energia, sem internet e com fome. Eles não têm condições de esperar uma década por resultados. Sei que você sabe dessa realidade, é só um reforço. Sobre infraestrutura, concordo com sua fala: estradas precárias encarecem a vida e os produtos. Mas lembro que a BR-319 está travada por pressões ambientais de ONGs como a FAS e o Idesam. Gostaria de saber sua visão sobre o papel dessas entidades que jogam contra o desenvolvimento sustentável e ignoram a ciência da Embrapa. O senhor acompanhou a criação da FAS. Em 14 anos, arrecadou cerca de R\$ 500 milhões. O Senado já questionou os milhões pagos em "assistência técnica" nas Unidades de Conservação, sem resposta até hoje. O titular da ONG FAS disse que pagou milhões para engenheiros de pesca, florestal e agrônomo, mas até hoje nenhum CPF foi apresentado. Enquanto isso, comunidades continuam pobres. O mesmo vale para os projetos de crédito de carbono, que até agora não chegaram no bolso de quem preserva. O atual titular da Sema só conjuga o verbo das ações para um futuro que só ele pode esperar. O Projeto Mejuruá, citado pelo MPF-AM, é um exemplo de distorção em que cita a FAS e seu titular. Dê uma lida! Também vi sua reunião com o CBA, que ficou 20 anos parado. Concordo: ali está um caminho estratégico para novos recursos. Mas, ao mesmo tempo, ONGs

\*é servidor público federal, administrador, especialização na gestão da informação ao agronegócio – thomaz.meirelles@hotmail.com